

MAIKIL GABRIEL GARCIA

AS PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DE 8º E 9º ANOS EM
RELAÇÃO À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Bauru - 2011

MAIKIL GABRIEL GARCIA

AS PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DE 8º E 9º ANOS EM
RELAÇÃO À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM UMA
ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física .

Orientador: Prof. Dr. Mauro Betti

Bauru - 2011

RESUMO

A problemática desta pesquisa gira em torno do fenômeno do crescente desinteresse e desmotivação dos alunos, em relação às aulas de Educação Física, já constatado em muitos estudos. Desse modo, O objetivo desta pesquisa é buscar compreender as perspectivas dos alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública, em relação à Educação Física Escolar, nos seguintes aspectos: como avaliam as suas aulas; quais seus (des) interesses e (des) motivações diante delas; que importância atribuem à Educação Física; que expectativas possuem em relação a ela. Foi utilizado um questionário com questões abertas e fechadas, respondido por 81 alunos escolhidos aleatoriamente. Os resultados indicam que os alunos gostam das aulas de Educação Física, mas lhe atribuem menor importância diante de outras disciplinas. Também apontam para a pouca diversidade de conteúdos nas aulas de Educação Física e pouca atenção do professor para as estratégias de ensino que poderiam motivar mais os alunos, o que contribui para o desinteresse. Conclui-se que a motivação intrínseca às atividades da Educação Física não vem sendo bem aproveitada, diminuindo a contribuição da disciplina para a formação educativa dos alunos, embora o professor não possa, sozinho, ser responsabilizado por esta situação.

Palavras-Chaves: Educação Física. Ensino Fundamental. Alunos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
1.1 O Problema de Pesquisa.....	6
1.2 Objetivos.....	9
1.3 Metodologia.....	10
1.3.1 População Alvo e Amostragem.....	11
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	12
3 RESULTADOS.....	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXO	38

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1.....	19
Tabela 2.....	20
Tabela 3.....	21
Tabela 4.....	22
Tabela 5.....	22
Tabela 6.....	24
Tabela 7.....	25
Tabela 8.....	26
Tabela 9.....	27
Tabela 10.....	28
Tabela 11.....	28
Tabela 12.....	29
Tabela 13.....	30

1 INTRODUÇÃO

1.1 O problema de pesquisa

Segundo Betti (1992) a Educação Física é uma expressão que surgiu no século XVIII, em obras de filósofos preocupados com a educação integral (corpo, mente e espírito) das crianças e jovens, visando o desenvolvimento pleno personalidade.

A Educação Física no Brasil foi influenciada inicialmente por médicos e posteriormente por militares, com apoio em princípios biológicos e de formação moral e patriótica. Desde a década de 1970, a inclusão do esporte como conteúdo hegemônico das aulas, mudou apenas a “aparência” da Educação Física, mas a finalidade, os valores e as características continuaram sendo as mesmas por um bom tempo, qual seja, formar corpos disciplinados e mentes submissas (PAIANO, 2006).

Em meados da década de 1980 houve uma crise de identidade em função dos questionamentos surgidos a respeito dos objetivos educacionais da Educação Física, e da sua esportivização¹ (BETTI, 1991).

Desde então, o papel educativo da Educação Física e suas finalidades tem sido muito debatidos, pelos professores das escolas e pesquisadores das universidades. A própria legislação educacional atualizou-se e incorporou algumas contribuições deste debate.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1997, dispõe em seu artigo 2º que:

¹ Entendemos a assimilação das características, valores e sentidos do sistema esportivo formal-federativo, conforme Betti (1991) (derivando a partir dele, também o termo “esportivista”)

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, Congresso Nacional, 1997)

A análise das premissas e diretrizes deste artigo do texto legal permite comprovar, mesmo que implicitamente, a presença dos conceitos e valores da Educação Física, que se enquadram perfeitamente na finalidade do "pleno desenvolvimento do educando". De fato, a Lei tornou obrigatório na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) a presença da Educação Física, indicando que última deve ser "integrada à proposta pedagógica da escola", nos termos do § 3º do artigo 26 (BRASIL, Congresso Nacional, 1996). Contudo, retrocedendo à legislação vigente na década de 1970, a LDB também previu a prática facultativa da Educação Física aos alunos trabalhadores, maiores de 30 anos de idade, que estiverem prestando serviço militar, e que tenham prole. Percebe-se aí uma concepção puramente biológica da Educação Física, como uma atividade que exige esforço físico que deve ser evitado por certos alunos. Mas os alunos, por razão de ser da Escola, não possuem forças suficientes à serem ouvidos neste debate.

Caviglioli (apud BETTI; LIZ, 2003, p. 137) chama atenção para o fato de que a Educação Física é "sempre fato presente e marcante na vida do adolescente", e seu significado vai "do esporte para o corpo e de atividade competitiva para atividade de lazer, variando de acordo com a idade". Acrescentamos ainda que o significado da Educação Física para os alunos poder variar ainda de acordo com características individuais.

No entanto, a situação com a qual nos deparamos na prática cotidiana de muitas escolas brasileiras, são conteúdos fragmentados e professores sem o suporte educacional adequado, que pouco se atualizam e/ou permanecem em contato com novas propostas de ensino. Com isso, percebe-se um descompasso entre a realidade e o que é idealizado na formação docente.

Por exemplo, os Parâmetros Curriculares de Educação Física do governo federal (BRASIL, 1997, 1998) definem como princípios norteadores da disciplina a

"Diversidade" (de conteúdos) e a "Inclusão" (de todos os alunos, independentemente de nível de habilidade motora, sexo, características físicas etc.). Mas o que se vê nas escolas e nas pesquisas sobre o tema é a repetição dos conteúdos e a exclusão de muitos alunos. Ora, se houvesse maior diversificação de atividades haveria mais oportunidades de aprendizagem para os alunos, e estes também ficariam mais motivados para participar das aulas.

Estudos sobre o tema do (des)interesse e (des)motivação que utilizam uma abordagem psicológica, tomam a "motivação" com conceito principal. Iwanowicz (1994), por exemplo, define motivação como um processo mental positivo que estimula a iniciativa e determina o nível de entusiasmo e esforço que a pessoa aplica no desenvolvimento de suas atividades. Pode ser predominantemente intrínseca ou extrínseca - de acordo com o ambiente em que se encontra, com quem interage, e também diante de seus próprios processos internos mentais e cognitivos – e no âmbito escolar a motivação não é definida distintamente. Ela por si só, é requisito crucial para que haja aprendizagem e como o autor reforça:

O processo motivacional é responsável pela intensidade, direção e persistência desses esforços. O nível de motivação é influenciado por diversos fatores como a personalidade da pessoa, suas percepções do meio ambiente, interações humanas e emoções. (IWANOWICZ, 1994, p. 78)

Vemos assim que o interesse e a motivação do aluno são fundamentais para aulas de melhor qualidade pedagógica, ou seja, se o professor não leva isto em conta, as aulas tendem ao fracasso e no caso da Educação Física, a motivação extrínseca está relacionada ao prazer e diversão que são inerentes a muitas atividades, próprias da Educação Física (por exemplo, jogos e esportes). Mas, do ponto de vista da motivação extrínseca, o professor de Educação Física precisa se valer de conteúdos e estratégias que motivem os alunos e os faça se engajar nas atividades.

No entanto, apesar do potencial motivador da Educação Física, muitos estudos apontam que a Educação Física tem falhado na tarefa de motivar os alunos, gerando desinteresses e até evasão, comprometendo em alguns contextos específicos a contribuição que a Educação Física pode dar à formação das crianças

e jovens.

Por exemplo, Staviski e Da Cruz (2008) deixam claro em seu estudo que, enquanto os conteúdos das aulas valorizarem ou se resumirem a modalidades esportivas, aqueles alunos que possuem melhores aptidões motoras, serão os mais beneficiados e os que mais gostarão das aulas. Na mesma lógica, aqueles alunos que, também por alguma razão, não apresentam boas aptidões motoras serão, de certa forma, excluídos e sentirão desconforto para cumprir o que foi proposto, acabando por desenvolver um sentimento negativo em relação às aulas de Educação Física, e, conseqüentemente menor interesse por esta disciplina.

As deficiências na infra-estrutura, jornada de trabalho muito longa e baixos salários, ausência de formação continuada e qualificada, também tem contribuído para a má qualidade pedagógica das aulas de Educação Física, quiçá da educação escolar como um todo.

A problemática desta pesquisa gira em torno desse fenômeno, qual seja, o crescente desinteresse e desmotivação dos alunos em relação às suas aulas de Educação Física.

1.2 Objetivos

O objetivo desta pesquisa é buscar compreender as perspectivas dos alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, em relação à Educação Física Escolar, nos seguintes aspectos:

- Como avaliam as suas aulas de Educação Física (conteúdos, professores, estratégias, infra-estrutura etc.);
- Quais seus (des) interesses e (des) motivações diante delas;
- Que importância atribuem à Educação Física;
- Que expectativas possuem em relação a ela.

1.3 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de levantamento de dados. Nas "pesquisas de levantamento de dados", segundo Selltiz, Wrightsman e Cook (1987), coletam-se dados da população-alvo, relacionados às variáveis sócio-culturais ou características das pessoas (sexo, idade, religião, nível socioeconômico etc.), comportamento, opiniões e atitudes, em geral utilizando questionário e/ou entrevista.

Por se tratar de uma pesquisa realizada em uma unidade escolar específica, sem pretensões de generalização, caracteriza-se como um *Estudo de caso do tipo instrumental* (ANDRE, 2008), no qual, por meio do qual pretende-se elucidar uma questão já recorrente, exemplificando-a em um caso particular.

Ainda segundo André (2008), os estudos de caso caracterizam-se por peculiaridades e são específicos de acordo com as intenções do pesquisador. No tipo "instrumental" o foco são basicamente os "insights" que o estudo de uma unidade pode trazer para o modo de entendimento e interpretações de contextos maiores, com características semelhantes.

Foi utilizado um questionário com questões "abertas" e "fechadas", tratando dos seguintes tópicos: disciplinas que os alunos mais gostam, menos gostam e que consideram mais importantes, benéficos percebidos na aula, sentimento em relação às aulas de Educação Física, o que mais gostam, menos gostam nas aulas e o que sugerem para sua melhoria, palavras que associam com a Educação Física, para assim atribuímos a real consciência que eles demonstram com relação às aulas.

O questionário encontra-se no Anexo 1. E antes de ser devidamente aplicado aos alunos, foi lido e assinado pelo diretor da escola, que confirmou estar de acordo com as questões elaboradas ao assinar um "Termo de Autorização" para realização desta pesquisa.

1.3.1 População alvo e amostragem

A população-alvo foram com alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Barra Bonita, interior de São Paulo. A escola foi escolhida por uma questão de acessibilidade, e por tratar-se de uma escola pública "típica" do município. Os questionários foram aplicados no mês de julho de 2011, nos períodos da manhã e da tarde de acordo com a disponibilidade da escola. Responderam ao questionário 81 alunos de ambos os sexos, correspondendo a uma amostragem de 70,4% do total de alunos dos 8º e 9º anos (115 alunos), sendo 40 alunos do 8º ano e 41 alunos do 9º ano respectivamente Não se pretendeu estabelecer qualquer tipo de generalização para a população escolar mais ampla, em qualquer nível.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Diversos autores, como, por exemplo, Betti (2005) e Paiano (2006), entendem que a Educação Física Escolar é uma disciplina que trata da cultura corporal de movimento e que tem como objetivo introduzir e integrar o aluno nessa esfera, e propiciar a formação de um cidadão crítico e participante.

Fato que nos define que a partir do movimento (esteja ele presente em qualquer tipo de dança, jogo, modalidade esportiva, luta, ginástica e atividades lúdicas) que o professor/educador atribui os valores culturais e morais pertinentes à futura formação do aluno (PERFEITO, 2008).

Claramente, não é tão simples utilizar a "chave educacional" (ampla utilização de diferentes formas dos conteúdos corporais de movimento para um caminho educacional idealizado) da Educação Física como instrumento acabado de efetivo aprendizado, pois existem várias teorias de como devemos, pedagogicamente atuar, as quais, apesar de serem minuciosas, não apresentam "receitas" prontas de como devem ser as aulas, nem garantem que sejam bem sucedidas do ponto de vista educacional, e de fato, não prevêm as diversas surpresas e mistérios que as aulas por si só, se sujeitam naturalmente.

Entendemos que a educação envolve um grande conjunto de padrões intrínsecos (cognitivos e psicológicos) do aluno - como já foi dito - e manifestações de seu ambiente familiar, de diversos níveis e âmbitos sociais. Assim sendo, não podemos exclusivamente atribuir ao professor o papel de responsável pela educação de uma criança ou jovem. Porém é na escola - e, aqui especificamente, nas aulas de Educação Física - que tentamos entender as intervenções que deve realizar este profissional para contribuir positivamente na formação dos seus alunos.

Mas também não podemos culpar os alunos pela visão negativa que muitas vezes tem da Educação Física, uma vez que nossas leis, muitas vezes as próprias instituições escolares e seus gestores (além das mídias) nem sempre a valorizam como poderiam ou deveriam.

É assim que percebemos o importante papel do professor de Educação Física como educador, pois ele é um importante mediador de valores no interior da escola.

É sua tarefa propiciar aos alunos uma interação saudável nas aulas de Educação Física, não favorecendo os alunos mais "capacitados" e excluindo os menos habilidosos. Cabe ao professor diversificar tanto quanto possível os conteúdos, desde, por exemplo, o futebol e voleibol (corriqueiramente presentes nas escolas) até as danças, as brincadeiras e os jogos, com enfoque na inclusão de todos os alunos, buscando proporcionar a participação prazerosa. Betti (1999, p. 86) define esta direção muito bem:

A Educação Física deve incluir, tanto quanto possível, todos os alunos nos conteúdos que propõe, adotando para isto estratégias adequadas. A sociedade está cada vez mais consciente da exclusão que, historicamente, tem caracterizado a Educação Física Escolar brasileira.

Desse modo, o princípio da "inclusão" busca motivar todos os alunos, independentemente de suas capacidades. Por exemplo, em um campeonato interclasses, é preciso incluir ou adaptar modalidades que permitam a participação dos menos habilidosos jogos (até mesmo bolinhas de gude ou peteca), e não apenas aquelas modalidades nas quais tradicionalmente se destacam os mais habilidosos, geralmente as de cunho esportivo apenas (Futebol e Vôlei).

A partir da constatação do desinteresse de muitos alunos pelas aulas de Educação Física, diversos estudos se dedicaram ao tema da motivação e desmotivação, inclusão e exclusão.

Por exemplo, Perfeito et. al. (2008) aceitam a ideia de que quando a motivação dos alunos não é levada em conta no planejamento das aulas, as experiências dos alunos durante o Ensino Fundamental e Médio contribuem de forma negativa no interesse pela atividade física, e uma desvalorização das aulas de Educação Física. Prosseguindo, os autores sugerem que atividades mais lúdicas, bem como a abordagem de temas relacionados ao corpo e à saúde podem motivar mais os alunos, e atrair aqueles mais resistentes às práticas.

Já estudos de Silva e Machado (2009), com um olhar baseado na psicologia do esporte, ao investigar 37 alunos pertencentes ao 6º e 8º anos do Ensino Fundamental de uma escola particular no município de Rio Claro (SP), chegaram à conclusão de que os professores devem observar melhor a grande diversidade de

alunos, pois uma mesma turma apresenta alunos com diferentes anseios e desejos, características físicas, psicológicas e até mesmo sociais diferentes, o que exige do professor maior diversidade de abordagens dos conteúdos e estratégias.

O conhecimento das especificidades que compõem os “aspectos motivacionais” permite ao professor adotar melhores estratégias para o processo de ensino e aprendizagem de uma turma, e para isso, ele deve conhecer a fundo as particularidades de seus alunos. Este fato nos mostra que quanto mais próximo e mais presente o professor estiver do aluno, de sua rotina familiar, de suas virtudes e de seus problemas extraclasse, mais se cria um ‘feedback’ positivo e mais se fortalece as relações intraclasse, conseqüentemente melhorando o alcance dos objetivos primários da educação, ultrapassando o respeito e chegando à cordialidade.

Outro estudo de campo de tipo descritivo, em uma escola pública de Fortaleza, nas séries finais do Ensino Fundamental, foi realizado por Ferreira e Silva (2010) com 102 alunos de ambos os sexos. Os resultados indicaram que o interesse da maioria dos alunos em relação ao conteúdo esporte, nas aulas de Educação Física, está centralizado na dimensão procedimental (como se deve fazer), e que grande parte dos professores só ensina como realizar os movimentos, o “saber fazer”. Com isso, distancia-se do ideal que sugere introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, e se forme um cidadão crítico-autônomo, capaz de produzir, de reproduzir, de transformar, de instrumentalizar e de usufruir dos esportes, dos jogos, das danças, das lutas, das ginásticas em benefício de uma boa qualidade de vida. (FERREIRA; SILVA, 2010)

Caetano (2009) aponta – em convergência com diversos outros estudos sobre a Educação Física Escolar – que, a escola deve ter, além da função de informar, a de formar seus sujeitos, e enfatiza que no contexto escolar pode-se contribuir para formar as atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação ao ensino, já que são as atitudes que guiam os processos perceptivos e cognitivos que conduzem a aprendizagem de todo e qualquer tipo de conteúdo educacional.

Melhor esclarecendo essa perspectiva, citamos as palavras de Freire (1992, p. 84) sobre a educação e movimento:

[...] não é apenas educação “do” ou “pelo” movimento: é educação de corpo inteiro, entendendo-se, por isso, um corpo em relação com os outros corpos e objetos, no espaço. Educar corporalmente uma pessoa, não significa provê-la de movimentos qualitativamente melhores, apenas.

O estudo de Perfeito et al. (2008) entrevistou 496 alunos, de ambos os sexos, sendo 192 alunos da escola pública e 304 da escola particular, estudantes dos ensinos fundamental e médio, e percebeu-se que, de um modo geral, eles gostam das aulas, e as julgam importante para a saúde. No entanto, sugerem a vivência prática de outros esportes e ainda declaram que gostariam de participar de atividades mais lúdicas. Os autores acreditam que isso traria mais motivação às aulas e integraria os alunos menos habilidosos e os mais resistentes à prática de atividade física, tanto na escola pública como na particular.

Já Darido (2004) entende que as aulas de Educação Física engajam apenas uma parcela dos alunos, em geral os mais habilidosos. As atividades propostas pelos professores são influenciadas pela perspectiva “esportivista”, o que acaba afastando os que mais necessitam de estímulos para as atividades físicas, lúdicas e corporais de movimento.

Filgueiras e Rodrigues (2007) perceberam que a principal dificuldade de um grupo de 70 professores de Educação Física, pós-graduandos na área e que atuam em diferentes níveis de ensino, nas redes pública e privada, era justamente lidar com os conceitos de Educação Física já construídos pelos alunos, - aqueles diretamente relacionados com as modalidades esportivas - e falsos entendimentos por parte deles de que Educação Física é puramente “uma festa”, sem compromissos e obrigações. Muitos professores relataram a dificuldade em lidar com a associação da Educação Física ao esporte, especialmente ao futebol ou à concepção da Educação Física como momento de lazer. Isso demonstra a dificuldade de realçar ou modificar os propósitos da Educação Física escolar, já equivocadamente enraizados em boa parte dos escolares em nosso país.

Percebe-se que os alunos se interessam naturalmente por determinadas modalidades esportivas e outras práticas corporais, o que enfatiza as

potencialidades da Educação Física. Por isso, um dos fatores para garantir a motivação dos alunos é a consideração do seu repertório, a relevância às bases sociais dos conteúdos da cultura corporal da comunidade escolar em geral, e em específico de cada um. Exemplificando, não seria viável ignorar o futebol nas aulas, em uma escola em que o interesse dos alunos pelo futebol já foi despertado, dentro ou fora dela. No entanto, é preciso abordar o futebol a partir de diversas facetas, em suas maneiras lúdicas, conceituais, atitudinais, etc, e não apenas reproduzir o modelo de prática do futebol apresentado pela televisão, muitas vezes o único que o aluno conhece.

Carneiro (2006), fundamentado na teoria que atribui o "agir" das pessoas em determinadas situações a motivos comportamentais, constatou que, nas aulas de Educação Física, aos alunos estão atrelados à obtenção do prazer, da satisfação de pulsões e desejos, amparado inferências sugeridas por Lovisolo (1995) sobre essa tendência. Por isso, a Educação Física, mesmo sendo disciplina obrigatória, como as outras, por si só é muito atrativa para os alunos, o que poderia favorecer os processos de ensino e aprendizagem, pois é na procura ativa dos gostos e dos prazeres que a criança ou adolescente busca sua autonomia, e entrelaça algo que previamente já conhece a outras ópticas, supostamente originadas pela adequada atuação pedagógica do professor.

Ao estudarem os aspectos valorizados pelos alunos, nas aulas de Educação Física, Beggiano e Silva (2007) concluem e afirmam que o esporte permanece associado à imagem da Educação Física, e é forte componente de representação social da disciplina, pois é potencialmente citado como seu principal mediador e "rótulo". Alguns alunos que responderam ao questionário dos pesquisadores citaram fatores como desenvolvimento físico e bem estar, porém constata-se que, ainda está indiretamente presente a esportivização, gerada em consequência da transmissão fragmentada de conhecimentos.

Também Figueiras et al. (2007), por intermédio da aplicação de questionário a 133 crianças das 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, constatou a preferência dos alunos pelos conteúdos esportivos.

Brito (1990) ao realizar um estudo, em Belo Horizonte, com o foco na rotina

educacional pedagógica de alunos de classes sociais elevadas, evidenciou que a escola conseguia desenvolver alguns valores físicos e técnicos na formação de grupos isolados de “semi-atletas” escolares. Por outro lado, conforme o autor, “torna-se nítido que os valores dos domínios cognitivo e afetivo-social não estão sendo garantidos simultaneamente, como um SABER desportivo” (BRITO, 1990, p. 15).

Mais de 20 anos depois do citado estudo de Brito, deparamos com a mesma situação decepcionante e distante em relação ao que poderiam ser as práticas pedagógicas da Educação Física, embora haja muitas vezes bons projetos pedagógicos, mas que nem sempre são colocados em prática.

Em outro estudo, realizado também em Minas Gerais por Venturini et al. (2010), com alunos concluintes do ensino fundamental e iniciantes do ensino médio, extraímos um dado ainda mais preocupante, de que, além das propostas e práticas realizadas na escola pesquisada não atenderem às demandas educacionais básicas, as modalidades esportivas propostas pelo professor eram consideradas “sem importância” por boa parte dos alunos questionados. No nosso entendimento, possivelmente porque os professores não conseguiram propor estratégias de ensino adequadas, tais modalidades se mostraram pouco atraentes e significativas para os alunos.

Contudo, nem só o professor é responsável pelo desinteresse em relação às aulas, mas também os colegas, conforme Paiano (2006, p. 56):

O nosso trabalho permite visualizar que as diferenças individuais afastam os alunos das atividades não apenas pela percepção do fraco desempenho e a experimentação do insucesso, mas, principalmente pela falta de apoio, de compreensão e de incentivo por parte dos colegas.

Ou seja, há ainda outros fatores de motivação extrínseca (como os colegas de turma), que atuam como obstáculo motivacional, o que dificulta ainda mais o trabalho docente.

Porém, estes fatores não eximem os professores de suas responsabilidades: eles precisam estar plenamente conscientes de que a Educação Física deve

contribuir para a formação de um cidadão participante, mais crítico e autônomo, o que exige a união entre teoria e prática, entre movimento e conceito, entre "sala" e "quadra", tarefas que exigem criatividade e bom senso, a fim de construir aulas que de fato impactem positivamente os alunos no âmbito da cultura corporal de movimento.

Em suma, os estudos apontam que a Educação Física é considerada pouco importante pelos alunos, apesar do prazer que as aulas proporcionam ou poderiam proporcionar, e também evidenciam equívocos no entendimento da disciplina, tanto por parte dos alunos como dos professores.

E por fim, concordamos com Caetano (2009), para quem, no cotidiano das escolas, é necessária uma valorização dos conteúdos da Educação Física, o comprometimento das equipes pedagógicas das escolas, o incentivo dos familiares e, principalmente, a formação mais adequada e continuada de professores, a implementação de políticas públicas mais adequadas, que apoiem na prática a melhoria da qualidade pedagógica da escola como um todo e da Educação Física em particular.

3 RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os resultados da primeira questão, que perguntou aos alunos quais seriam as três disciplinas ou matérias que consideram mais importantes na escola. Verificamos que a Educação Física não está entre as mais citadas, e sim, as disciplinas de Português, Matemática, e Ciências, por ordem de importância, para ambos os sexos. As disciplinas de Português e Matemática tiveram cada uma em torno de 30% das escolhas como as disciplinas mais importantes; outras disciplinas como Geografia ou História tiveram poucas indicações, assim como a Educação Física, com apenas 7 indicações para um total de 81 alunos com 3 respostas (disciplinas mencionadas) cada um. (indicações da E.F. não expostas na tabela)

Tabela 1

Disciplinas (matérias) consideradas mais importantes, segundo o sexo dos alunos

1ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Português	20	14	34	31,8%	23	21	44	30,6%	31,1%
Matemática	15	16	31	29,0%	20	22	42	29,2%	29,1%
Ciências	4	8	12	11,2%	13	5	18	12,5%	12,0%
Outras	13	17	30	28,0%	20	20	40	27,8%	27,9%
Total de respostas mencionadas	52	55	107	100,0%	76	68	144	100,0%	100,0%

Tabela 2

Disciplinas (matérias) que os alunos mais gostam, segundo o sexo

2ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Educação Física	12	15	27	28,7%	24	19	43	28,1%	28,3%
Português	2	3	5	5,3%	16	8	24	15,7%	11,7%
Matemática	8	3	11	11,7%	15	8	23	15,0%	13,8%
Inglês	4	7	11	11,7%	5	6	11	7,2%	8,9%
Artes	5	5	10	10,6%	5	11	16	10,5%	10,5%
Ciências	9	9	18	19,1%	15	8	23	15,0%	16,6%
Outras	5	7	12	12,8%	8	5	13	8,5%	10,1%
Total	45	49	94	100,0%	88	65	153	100,0%	100,0%

No entanto, na segunda questão, que pergunta sobre o gosto dos alunos em relação às disciplinas, a Educação Física foi mencionada com uma relevância alta, tanto por meninos como pelas meninas, com pouco mais de 28% de todas as indicações. Constatamos que Português e Matemática, além de serem consideradas mais importantes, foram também citadas entre as três disciplinas que os alunos mais gostam, com exceção das meninas, para as quais a disciplina de Português está entre as que menos gostam.

Estes resultados confirmam vários outros estudos, por exemplo Perfeito et al (2008) e ainda Figueiras e Rodrigues (2006) e reforçam que a Educação Física é a disciplina que os alunos mais gostam, mas não é considerada tão importante quanto as outras.

A terceira questão pedia que os alunos avaliassem a importância do que aprenderam nas aulas de Educação Física para suas vidas.

Tabela 3

Opinião dos alunos sobre a importância do que aprenderam nas aulas de Educação Física para suas vidas, segundo o sexo

3ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Sim, muito	9	5	14	41,2%	7	8	15	31,9%	35,8%
Sim, mais ou menos	4	3	7	20,6%	12	10	22	46,8%	35,8%
Sim, só um pouco	0	5	5	14,7%	3	5	8	17,0%	16,0%
Nada ensina de importante	3	4	7	20,6%	2	0	2	4,3%	11,1%
Não sei dizer	0	1	1	2,9%	0	0	0	0,0%	1,2%
Total	16	18	34	100%	24	23	47	100,0%	100,0%

Cerca de 71% do total do alunos responderam "muito", ou "mais menos", e apenas 11,1% que nada ensina que tenha importância para sua vidas. Destacamos que os meninos (41,2%) responderam em maior proporção que as meninas (31,9%) que aprenderam muitas coisas importantes para suas vidas na Educação Física, mas também indicaram em maior número que esta disciplina "nada ensina de importante". Respostas que concluímos como bem específicas para o sexo masculino ao menos com proporções bem divididas. Já a alternativa mais assinalada pelas meninas foi "mais ou menos", com 46,8%.

A quarta questão solicitava que os alunos classificassem seu gosto pelas aulas de Educação Física.

Tabela 4

Gosto dos alunos em relação às aulas de Educação Física, segundo o sexo

4ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Gosto muito	10	10	20	58,8%	13	11	24	51,1%	54,3%
Gosto mais ou menos	5	5	10	29,4%	7	10	17	36,2%	33,3%
Gosto só um pouco	1	3	4	11,8%	4	2	6	12,8%	12,3%
Não gosto	0	0	0	0,0%	0	0	0	0,0%	0,0%
Detesto	0	0	0	0,0%	0	0	0	0,0%	0,0%
Total	16	18	34	100,0%	24	23	47	100,0%	100,0%

Nas respostas percebemos um dado importante e recorrente em outros estudos, como o de Lovisolo (1995) por exemplo - que deixa claro a natural atração dos alunos pela educação Física – por ser o fato de a maioria dos alunos (54,3%) manifestar a opinião de que gostam muito das aulas de Educação Física, e nenhum assinalar que não gosta ou detesta. Somando as duas primeiras alternativas temos que 87,6% dos alunos “gostam muito” ou “mais menos” da Educação Física. Há também uma leve tendência dos alunos do sexo masculino gostar mais das aulas.

As próximas quatro questões, por serem questões “abertas”, exigiram a elaboração de categorias que possibilitaram abranger o grande número de respostas distintas

A Tabela 5 apresenta as respostas para a pergunta: "O que você aprende nas aulas de Educação Física?"

Tabela 5

“Percepção de aprendizagem de conteúdos” nas aulas de Educação Física, segundo o sexo

5ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Aprendo apenas a jogar as modalidades esportivas básicas como futebol, volei	7	6	13	38,2%	13	11	24	51,1%	45,7%
Aprendo a jogar as modalidades básicas e também alguns jogos como xadrez e ping pong por exemplo	6	4	10	29,4%	7	10	17	36,2%	33,3%
Aprendo as modalidades, seus fundamentos, suas regras e também outros conteúdos como danças e alongamentos	0	0	0	0,0%	4	2	6	12,8%	7,4%
Não aprendo nada	3	6	9	26,5%	0	0	0	0,0%	11,1%
Outros	0	2	2	5,9%	0	0	0	0,0%	2,5%
Total	16	18	34	100,0%	24	23	47	100,0%	100,0%

Como se vê, as respostas mais frequentes (45,7%) dizem respeito à aprendizagem de modalidades esportivas mais comuns na maior parte das escolas, como futebol e voleibol, sendo esta categoria de resposta apareceu mais entre as meninas (51,1%) do que entre os meninos (38,2%). A seguir, cerca de 33,3% dos alunos relatou outros jogos, como xadrez e ping-pong.

Ou seja, percebemos que quase a metade, de todos os entrevistados relata que somente aprendem ou vivenciam como conteúdo algumas poucas modalidades esportivas - para os meninos, quase que exclusivamente o futebol, e para as meninas quase que exclusivamente o vôlei - sendo que, por parte das meninas, este quadro ainda é mais preocupante, já que mais da metade delas relatou esta situação. É ainda preocupante que apenas 7,4% dos alunos (todos do sexo feminino) tenham se referido a conteúdos não ligados a jogos e esportes (como

dança e alongamento). Quer dizer, há pouca diversidade nos conteúdos oferecidos pela Educação Física nesta escola. É ainda outro fato relevante é que 26,5% dos alunos do sexo masculino responderam que nada aprendem nas aulas de Educação Física.

A sexta questão perguntou aos alunos sobre o que eles mais gostam nas aulas de Educação Física. Os resultados estão apresentados na Tabela 6.

Tabela 6

O que os alunos mais gostam nas aulas de Educação Física, segundo o sexo

6ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
De sair da sala para realizar exercício físico	4	3	7	17,9%	0	4	4	7,7%	12,1%
De interagir com os amigos e aprender coisas novas variadas	1	0	1	2,6%	0	0	0	0,0%	1,1%
Dos jogos e esportes em geral (ping pong, xadrez, queimada, basquete, handebol, etc)	8	2	10	25,6%	9	5	14	26,9%	26,4%
Apenas de futebol ou volei ou aula livre	7	11	18	46,2%	18	15	33	63,5%	56,0%
Nada	2	1	3	7,7%	1	0	1	1,9%	4,4%
Total	22	17	39	100,0%	28	24	52	100,0%	100,0%

A maioria das respostas (56%) confirma os resultados da questão anterior, pois o que os alunos declararam mais gostar é de futebol, voleibol ou "aula livre", proporção que atingiu 63,5% entre as meninas, sendo que uma mínima proporção enfatiza a "aula-livre" e reforça ainda mais o gosto por apenas futebol e vôlei (constatação tida na apuração das respostas). A seguir, 26,4 % dos alunos

declararam que gostam de jogos e esportes em geral, e 12,1% de "sair da sala" para realizar algum tipo de atividade física, sendo que esta preferência foi manifestada por mais meninos (17,9%) do que meninas (7,7%). Apenas um aluno respondeu que gosta de aprender novos conteúdos. Estes resultados evidenciam que os alunos tendem a gostar do que já conhecem (futebol ou vôlei).

Na questão seguinte perguntamos o que os alunos não gostam nas aulas de Educação Física

Tabela 7

O que os alunos não gostam nas aulas de Educação Física, segundo o sexo

7ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Ficar dentro da sala / aula teórica	7	3	10	27,8%	0	2	2	4,5%	15,0%
Do professor	2	10	12	33,3%	0	1	1	2,3%	16,3%
De dividir a quadra com o sexo oposto	2	0	2	5,6%	4	3	7	15,9%	11,3%
De modalidades que não sei fazer	3	0	3	8,3%	10	8	18	40,9%	26,3%
Outros	2	5	7	19,4%	4	2	6	13,6%	16,3%
De aulas repetidas	2	0	2	5,6%	4	6	10	22,7%	15,0%
Total	18	18	36	100,0%	22	22	44	100,0%	100,0%

Ao analisar os resultados da questão 7, o que mais se destaca são as diferenças de opiniões entre meninos e meninas. A resposta mais presente foi que os alunos não gostam de modalidades que não sabem fazer, com 26,3% do total, mas entre as meninas esta proporção é de 40,9 %, e de apenas 8,3% entre os meninos. Para o sexo masculino, o que menos gostam é do professor (33,3%) e das aulas tidas em sala, “teóricas” com 27,8%, opiniões que são pouco frequentes entre

as meninas. Já ter aulas repetitivas e dividir a quadra com os meninos é algo que, respectivamente, quase 23% e quase 16% das meninas não gostam, opiniões que, por sua vez, poucos meninos compartilham.

A oitava questão perguntou sobre o que os alunos gostariam de aprender nas aulas de Educação Física.

Tabela 8

O que os alunos “gostariam de aprender” nas aulas de Educação Física, segundo o sexo

8ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Esportes de quadra corriqueiros (futebol, volei, basquete, handebol) mais detalhados e aprofundados	8	6	14	35,9%	8	9	17	32,1%	33,7%
Outros tipos de modalidades e jogos como atletismo por exemplo, musculação, capoeira, xadrez e ginástica	10	14	24	61,5%	14	14	28	52,8%	56,5%
Nada	1	0	1	2,6%	5	3	8	15,1%	9,8%
Total	19	20	39	100,0%	27	26	53	100,0%	100,0%

As respostas foram agrupadas em apenas três categorias, para facilitar a análise. A maioria dos alunos (56,5%), com pouca diferença entre meninos e meninas, declarou que gostariam de aprender outras modalidades esportivas e jogos, como atletismo, musculação, capoeira, xadrez ou ginástica. Cerca de um terço dos alunos, com distribuição praticamente igual entre os dois sexos, informou que gostaria de aprender as modalidades que já vivenciam (futebol, vôlei, basquete

e handebol), com maiores aprofundamentos e detalhes. Estes resultados nos fazem refletir se são os alunos que não se interessam por novos conteúdos, ou se os professores é que não os oferecem, e nem sequer proporcionam novas aprendizagens naquelas quatro tradicionais modalidades esportivas coletivas. O restante, cerca de 10%, não manifestou nenhum interesse de aprendizagem.

A questão 9 indagou sobre o nível de participação dos alunos nas aulas.

Tabela 9

O que os alunos gostariam de aprender nas aulas de Educação Física, segundo o sexo

9ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Participa de todas as aulas, sempre	10	13	23	67,6%	9	3	12	25,5%	43,2%
Participa da maioria das aulas	5	4	9	26,5%	9	10	19	40,4%	34,6%
Não participa de algumas aulas	0	0	0	0,0%	4	7	11	23,4%	13,6%
Não participa da maioria das aulas	0	1	1	2,9%	2	2	4	8,5%	6,2%
Nunca participa das aulas	1	0	1	2,9%	0	1	1	2,1%	2,5%
Total	16	18	34	100,0%	24	23	47	100,0%	100,0%

Cerca de 78% dos alunos indicaram que participam de todas ou da maioria das aulas, havendo diferenças significativas entre os sexos, pois, proporcionalmente muito mais meninos declararam que sempre participam das aulas, e mais meninas participam da maioria das aulas, ou não participam de algumas delas. Ou seja, a participação dos meninos é maior do que das meninas.

A décima questão tratou da opcionalidade da Educação Física na escola, perguntando se os alunos frequentariam as aulas se não fossem obrigados.

Tabela 10

Participação nas aulas de Educação Física, se não fossem obrigatórias, segundo o sexo

10ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Sim	12	13	25	73,5%	20	18	38	76,0%	75,0%
Não	1	2	3	8,8%	3	3	6	12,0%	10,7%
Não se dizer	3	3	6	17,6%	1	5	6	12,0%	14,3%
Total	16	18	34	100,0%	24	26	50	100,0%	100,0%

A grande maioria (75%) informou que não se ausentariam das aulas, e apenas 10,7% que não participaria se as aulas fossem opcionais, sendo que os demais não souberam dizer qual seria sua atitude.

A questão 11 perguntou se os alunos fariam mudanças nas aulas de Educação Física, e quais seriam. Pouco mais da metade, como mostra a Tabela 11, a seguir, respondeu afirmativamente.

Tabela 11

Se mudariam alguma coisa nas aulas de Educação Física, segundo o sexo

11ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Sim	7	12	19	56%	11	14	25	53%	54,3%
Não	9	6	15	44%	13	9	22	47%	45,7%
Total	16	18	34	100%	24	23	47	100%	100,0%

As sugestões de mudanças mais cogitadas pelos alunos, em suas próprias palavras, foram:

- “Eu colocaria aulas com mais tipos de esportes...”.
- “Eu aumentaria o número de aulas...”.
- “Mudaria o professor...”.
- “Eu mudaria as aulas, colocando mais jogos...”.
- “Mais exercícios, não só o futebol e as vezes vôlei...”.
- “Eu mudaria o professor e a forma que ele dá de jogar juntos...”.
- “Eu mudaria a maneira de ensinar...as atividades em grupo...”.

Como se vê, as respostas dizem respeito principalmente à inclusão de novos conteúdos e mudanças nas estratégias de ensino.

A questão seguinte pediu que os alunos opinassem sobre o número de aulas semanais da disciplina, tomando como referência o número atual (duas aulas)

Tabela 12

Opinião dos alunos a respeito do “número de aulas semanais” de Educação Física, segundo o sexo

12ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
O mesmo que hoje	1	1	2	5,88%	3	2	5	10,64%	8,64%
Menos aulas	0	0	0	0,00%	0	0	0	0,00%	0,00%
Mais aulas	15	17	32	94,12%	21	21	42	89,36%	91,36%
Total	16	18	34	100,00%	24	23	47	100,00%	100,00%

A quase totalidade dos alunos assinalou a alternativa de que deveria haver mais aulas, mas não podemos concluir quais seriam os motivos exatos que os levaram a ter essa opinião.

Nesta questão, que complementa alguns interesses dos alunos mencionados anteriormente (Tabela 10), a cerca do número de aulas e suas participações, que na visão deles seria o ideal, quase 92% das respostas afirma que deveriam ter mais aulas de Educação Física por semana.

A última questão perguntou aos alunos se alguma vez já teriam solicitado dispensa das aulas de Educação Física, e quando isto teria ocorrido.

Tabela 13

Ocorrência de solicitação de dispensa das aulas de Educação Física por parte dos alunos, segundo o sexo

13ª QUESTÃO									
	MASCULINO				FEMININO				TOTAL GERAL
	7ª	8ª	Total	%	7ª	8ª	Total	%	
Sim	1	6	7	20,59%	1	2	3	6,38%	12,35%
Não	15	12	27	79,41%	23	21	44	93,62%	87,65%
Total	16	18	34	100,00%	24	23	47	100,00%	100,00%

As respostas demonstram que, embora a legislação vigente permita a dispensa em um série de casos (inclusive certas doenças), a grande maioria (quase 88%) dos alunos declarou nunca ter solicitado dispensa das aulas. As repostas positivas foram quase todas dos meninos. A complementação das respostas afirmativas, indicam que as dispensas destes poucos alunos ocorreram poucas vezes e de modo isolado nos históricos escolares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos desvendar um pouco das perspectivas e expectativas de alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) em relação às aulas de Educação Física vivenciadas no ambiente escolar. Assim sendo, conseguimos, ao menos, confirmar algumas prévias constatações recorrentes neste mesmo nicho de pesquisa, em patamares bastante congruentes. Sucintamente, evidenciou-se que, de um modo geral, gostam das aulas e de afazeres da Educação Física e da maior parte das vivências que ela proporciona, ligadas a manifestações da cultura corporal de movimento, e também em decorrência de se tratar de aulas fora da sala de aula (na quadra). Temos 54,3% do total de alunos alegando que gostam muito das aulas de Educação Física, dado relevante que resume o exposto “prazer” pelas aulas. Contudo, também percebemos que eles não atribuem tanta importância à Educação Física em suas vidas futuras, talvez induzidos pela hierarquização sociocultural das disciplinas escolares, que valoriza mais aquelas que pretensamente preparam para o mercado de trabalho ou para o ingresso no ensino superior por meio do vestibular.

Com relação aos conteúdos, 56,5% dos alunos demonstram que gostariam de aprender mais temas variados, pertinentes à Educação Física, o que sugere aos professores que devam investir na diversificação de conteúdos e de estratégias mais criativas nas aulas, assim com entendem Betti e Liz (2003), cientes das grandes perspectivas e possibilidades que as práticas corporais no âmbito escolar podem proporcionar, caso sejam de melhor qualidade pedagógica, e capazes de incluir todos os alunos. Observando especificamente o que acontece com a disciplina de Ciências por exemplo, que aparece como a “3ª mais importante” para os alunos e também como a “2ª mais legal”, entendemos que há uma chance das co-relações entre atração/prazer e qualidade/importância existirem na perspectiva dos alunos, desde que determinada disciplina seja bem desenvolvida.

Pelas respostas dos alunos, podemos ter a ousadia de corroborar que a falta de conteúdos novos e diversificados aliada da maneira pela qual o professor gerencia suas aulas, resulta em desinteresse para boa parte dos alunos. Tal conclusão é reforçada por um dado não explicitado nas tabelas, porém muito

importante - que, tanto as meninas como os meninos dos dois anos pesquisados, citaram muitas vezes o professor como o agente que leva a uma avaliação negativa das aulas quando, segundo eles, não explica, nada esclarece ou significa, simplesmente "...deixa rolar" e "...joga a bola", conforme suas próprias palavras.

Consideramos que esta é uma conduta de inaceitável por parte de um professor, e menos ainda é compreensível que os gestores educacionais a aceitem passivamente, tendo em vista a existência dos projetos político pedagógicos das escolas e, no caso da escola em questão, da Proposta Curricular do Estado de São Paulo, que propõem diretrizes didáticas e conteúdos a serem desenvolvidos que de modo algum se restringem ao "rola-bola".

Identificamos também que uma considerável parte dos alunos acha os conteúdos aprendidos nas aulas "muito importantes" para sua formação (35,8%), e também com 35,8%, temos os que acham os conteúdos "mais ou menos importante". Este fato demonstra que boa parte deles atribui alguma importância à disciplina, porém, ao mesmo tempo, declaram que não gostam de ficar na sala "...sem fazer nada" e/ou manifestam uma certa "ausência de afinidade" com o professor, nos indicando que querem aprender atividades diversificadas, realizadas com mais comprometimento e clareza por parte do docente. E, possivelmente, também querem resgatar uma afinidade ainda maior pelas vivências corporais, sociais e até intelectuais que a Educação Física pode oferecer, o que, pelo que observamos é latente na maioria deles. Ainda relatando sobre os conteúdos, percebemos uma tendência de esportivização das aulas, sem uma abordagem teórico-prática do esporte que o ressignifique para os alunos.

Tais conclusões são semelhantes às de Brito (1990), para quem a Educação Física utiliza, infelizmente, métodos de ensino repetitivos e que acabam por contribuir com a segregação social e com interesses seletivos e reprodutores de práticas abstratas.

De todos os alunos entrevistados, 91,36% declararam que gostariam de ter mais aulas de Educação Física semanalmente, e ainda 56% do total de alunos afirma que o que mais gostam de fazer é apenas jogar futebol (meninos) e vôlei (meninas), ou seja, ao vivenciar apenas as modalidades desportivas básicas

rotineiras, houve uma acomodação a esta realidade, tornado os alunos passivos, em função de tais práticas fragmentadas. Sem dúvida, a influência da mídia é muito importante nesse processo, como aponta Freire (1992, p. 113):

[...] há um fato novo acontecendo em nossos dias que não pode ser desprezado: é possível que a criança saiba mais sobre assuntos veiculados pela televisão e outros meios de comunicação do que sobre as coisas próprias de seu meio social e cultural.

Notoriamente, a maioria dos alunos afirma que a disciplina é mesmo querida, no entanto não podemos afirmar com certeza se é simplesmente porque eles gostam de sair da sala e ter naturalmente maiores estímulos e maiores relações sociais e afetivas – o que possivelmente não encontram nas outras disciplinas - ou se esperam realmente vivenciar mais tipos de brincadeiras e práticas corporais de movimento de maior relevância e profundidade para a vida deles. Sendo assim, temos que atentar ainda mais para os interesses almejados pelos alunos e “casá-los” com as que seriam as práticas mais adequadas do ponto de vista dos educadores, ou ao menos com as práticas pedagógicas que nossas orientações teóricas e nosso bom senso indicam.

Por fim, entendemos que os dados que obtivemos na pesquisa de campo, na maior parte convergentes com outros estudos, apontam para o fato de que a suposta educação do movimento e pelo movimento que a Educação Física poderia ou deveria propiciar aos alunos, são pedagogicamente pobres neste contexto escolar específico, limitando o sentido da palavra “educar”.

Exemplificamos com a semelhança dos nossos dados ao estudo de Perfeito et al. (2008) sobre a motivação dos alunos não ser levada em conta no planejamento das aulas, podendo desmotivá-los mais, e não atrair aqueles mais resistentes às práticas, o que limita e denigra ainda mais a imagem da Educação Física na escola. Tal afirmação foi também constatada em nossa pesquisa, na qual 26,3% do total de alunos (para as meninas, essa porcentagem é de 40,9%) relatou “não gostar” de ser submetido a atividades novas, ou pelo menos, não declarou estarem motivados para vivenciar novas atividades que viessem a ser sugeridas pelo professor, seguindo um fluxo negativo e continuado de desmotivação.

No entanto, os professores não são os únicos responsáveis pelo insucesso e

desinteresse dos alunos, mas contribuem muitas vezes para isso, devido ao imobilismo, à indiferença, e mesmo por causa de uma incapacitação profissional-pedagógica deficiente, assim como detectou Darido (2004) a respeito das tendências exclusivamente esportivistas utilizadas por muitos professores.

Temos que estar ciente que o educador, no seu campo de atuação tem a possibilidade de agir positivamente no auxílio aos alunos em relação às questões motivacionais, e deve compreender que de diferentes formas de atuação e interação com seus alunos pode contribuir para orientação do clima organizacional da classe, sabendo-se que nada substitui seu bom senso, sua capacidade de incentivo, o planejamento e o comprometimento verdadeiro (“de corpo e alma”). Fatores que só funcionariam se fossem calibrados com mais e melhores políticas públicas, e dirigentes políticos interessados em analisar, mensurar, fiscalizar e corrigir inúmeros “pseudo” projetos que não passam de acordos de lei sem fundamentação prática e adequada à realidade

Assim sendo, sugerimos a repetição desta investigação com outras faixas etárias e outras comunidades escolares, para assim contribuir com um maior e melhor diálogo entre os distintos e distanciados universos de compreensão de alunos e professores. Muitos estudos caracterizam, de fato, um cenário real de carência educacional nas escolas, com o que o professor de Educação Física tem parte da responsabilidade, pois deveria agir com mais comprometimento, como inferimos em Caetano (2009).

Sabemos que a “culpa” pelos fracassos educacionais presentes e atuais também envolve o sistema educacional atual (estruturas físicas, formação inicial nos cursos superiores, salário etc.). Porém se nós, professores de Educação Física, nos munirmos da real vontade de compreender melhor os fatos, refletir sobre eles e buscar a transformação, diretamente na nossa relação com os alunos e os conteúdos e estratégias que propomos em nossas aulas, e, indiretamente, em relação a todo o sistema educacional, ao menos teremos alunos com formação melhor qualificada na Educação Física.

Ou será que educar é algo tão difícil que é melhor “deixar rolar”?

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liberlivro, 2008.

BEGGIATO, C. L.; SILVA, S. P. S. Educação Física Escolar no ciclo II do ensino fundamental: aspectos valorizados pelos alunos. *Motriz*, Rio Claro, v.13, n.2 (Supl.1), p.S29-S35, mai./ago. 2007.

BETTI, M. *Educação Física e sociedade: a educação física na escola brasileira de primeiro e segundo graus*. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. Ensino de 1º e 2º graus: Educação Física para quê? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.13, n. 2, p. 282-287, 1992.

_____. Educação Física esporte e cidadania. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 20, n. 2-3, p. 84-92, 1999.

_____. Educação Física In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). *Dicionário crítico de Educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, p. 144-155, 2005.

BETTI, M; LIZ, M. T. Educação Física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. *Motriz*, Rio Claro, v.9, n.3, p.135–142, set./dez. 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : educação física* Brasília:, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: educação física*.: MEC/SEF, 1998.

BRITO, L. M. Percepção da educação física escolar em escolas de 1º e 2º graus em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 4, n. 4, 1990.

CAETANO, A. Educação física escolar, um componente curricular ou uma prática contraditória? As atitudes expressadas pelos alunos do ensino fundamental. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 14, n. 139, dez. 2009.

CARNEIRO, E. B. O olhar dos alunos sobre a educação física escolar. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 11, n. 103, dez. 2006.

DARIDO, S. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004 .

FERREIRA, H. S.; SILVA, A. J. F. Análise das interpretações dos alunos das séries finais do ensino fundamental da rede pública de Fortaleza sobre as diferenças entre educação física e esporte. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 14, n. 141, fev. 2010.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1992.

FIGUEIRAS, I. P. Concepções e preferências sobre as aulas de Educação Física escolar: uma análise da perspectiva discente. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 6, n. 3, p. 23-31, 2007.

IWANOWICZ, B. A imagem e a consciência do corpo. In: BRUHNS, Heloisa T. (Org.) *Conversando sobre o corpo*. 5. ed. Campinas, SP : Papirus, 1994.

LOVISOLO, H. *Educação física: a arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

PAIANO, R. Possibilidades de orientação da prática pedagógica do professor de educação física: situações de desprazer na opinião dos alunos. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 47-58, 2006.

PERFEITO, R. B.; GUIMARÃES, A. A. et al. Avaliação das aulas de Educação Física na percepção dos alunos de escolas públicas e particulares. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 19, n. 4, p. 489-499, 4. trim. 2008.

SELLTIZ, C., WRIGHTSMAN, J., COOK, L. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. 2ª ed. São Paulo: E.P.U., 1987. 3 v.

SILVA, L. S.; MACHADO, A. A. Motivação e educação física escolar: um olhar da Psicologia do Esporte sobre as expectativas dos alunos. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 14, n. 134, Julho de 2009.

STAVISKI, G; DA CRUZ, W. M. Aspectos motivadores e desmotivadores e a atratividade das aulas de Educação Física na percepção de alunos e alunas . *Revista Digital*, Buenos Aires, v., 13, n. 119, abr. 2008.

VENTURINI, G. R. et al. Contradições encontradas no interesse de escolares pela pratica de Educação Física em Leopoldina. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 15 n. 146, jul. 2010.

ANEXO
Questionário

Prezado(a) aluno(a),

Solicito sua colaboração para responder estas questões, para o meu Trabalho de Conclusão no Curso de Educação Física da UNESP/Bauru

Peço que você leia atentamente cada questão e suas alternativas antes de responder. Se tiver dúvidas, é só perguntar!

ANO/SÉRIE: _____

SEXO: Feminino () Masculino ()

IDADE: _____ anos

1- Quais as 3 disciplinas (matérias) da escola que você considera mais importantes?

2- Quais as 3 disciplinas (matérias) da escola que você mais gosta?

3- Você acha que as coisas que você aprende na Educação Física são importantes para a sua vida?

- () sim, muito
- () sim, mais ou menos
- () sim, só um pouco
- () não ensina nada importante
- () não sei dizer

4- Qual a sua opinião sobre as aulas de Educação Física?

- () gosto muito
- () gosto mais ou menos
- () gosto só um pouco
- () não gosto
- () detesto

5- O que você aprende nas aulas de Educação Física?

6 – O que você mais gosta nas aulas de Educação Física? Por quê?

7 – O que você não gosta nas aulas de Educação Física? Por quê?

8- Em relação aos conteúdos, o que você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física ? Por quê?

9 - Quanto a sua participação nas aulas de Educação Física, você:

- participa de todas as aulas, sempre
- participa da maioria das aulas
- não participa de algumas aulas
- não participa da maioria das aulas
- nunca participa das aulas

10- Se as aulas de Educação Física não fossem obrigatórias, você as faria?

SIM () NÃO () não sei dizer ()

11 - Você mudaria alguma coisa nas aulas de Educação Física? SIM () NÃO ()

Se sim, o que?

12 - Você acha que a Educação Física deveria ter quantas aulas por semana?

- o mesmo que hoje ()
- menos aulas ()
- mais aulas ()

13- Você, alguma vez, já pediu dispensa das aulas de Educação Física? Se sim, foi em que ano(s)/ série(s)

SIM () ano(s)/série(s)_____

NÃO ()